

LIBERTAR-SE: pelo trabalho ou do trabalho?

Alguns Apontamentos acerca do Trabalho no
Mundo Capitalista Contemporâneo

Cleber Rudy e Protopia

pt.protopia.at

“Em sociedades como as ocidentais, nas quais o emprego desempenha um papel central não somente no que se refere à obtenção de renda como na integração social do indivíduo e na própria formação de sua identidade pessoal, a mudança desse padrão tem causado perplexidade”.

(Gilberto Dupas, Economia Global e Exclusão Social.)

Publicado em:

Protopia

pt.protopia.at

protopia@protopia.at

Hackeado por:

Editora Monstro dos Mares

monstrosdosmares.milharal.org

monstrosdosmares@riseup.net

Caixa Postal, 155

União da Vitória – PR

84600-000

Inverno de 2017

“Comerás o pão com o suor do teu rosto”, Pobre Criatura

Símbolo da virtude, elo dignificante do gênero humano, o trabalho, sacralizado ora por tradições de direita (e a posteriori pela esquerda) enquanto “arte” transformadora do universo fabril, esteve antes de sua idade de ouro e das ascendentes energias positivas, lançadas por John Locke e Adam Smith – arautos de uma burguesia Vitoriana e vitoriosa -, ao fosso da repulsa e da penúria, atuando como elemento torturante de um inferno real em que os suplícios do tripalium¹ impunham o limiar social, assim como, o ônus-labor² de uma ponos³ condição.

Como pontuou Hannah Arendt em sua análise sobre a antiguidade clássica, “laborar significava ser escravizado pela necessidade, escravidão esta inerente às condições da vida humana. Pelo fato de serem sujeitos às necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade subjugando outros que eles, à força, submetiam à necessidade”. (ARENDDT, 2004, p. 94).

Valores atrelados ao labor, que somente a partir do século XVIII, abandonariam parte de suas mazelas despontando sob novas significâncias de cariz positivo⁴ e progressista, seduzindo alas revolucionárias, quer anarquistas, quer marxistas, que veriam no trabalho a expressão da própria humanidade do homem, assim como a ferramenta de libertação da esfera capitalista. Mas dispersos os encantos de que “o homem só se emancipa da pressão tirânica, que sobre todos exerce a natureza exterior, pelo trabalho coletivo [...]” (BAKUNIN, 1989, p. 61), nas veredas principalmente do novo milênio fortes opositores, lançariam (o trabalho) mais uma vez na negatividade dos tempos socráticos.

1 Instrumento de tortura composto por três estacas, utilizado principalmente para castigar escravos durante a antiguidade clássica. Para tanto, atribui-se a origem da palavra trabalho do termo tripalium.

2 Palavra latina derivada de laborare que significa: cambaleiar do corpo sob uma carga pesada, mas que com o passar dos tempos seria empregada para designar a atividade de trabalhar

3 Termo grego, que tem sua raiz etimológica na palavra penia, que significa pobreza.

4 John Locke via no trabalho a fonte de toda propriedade, enquanto Adam Smith descobria no trabalho a fonte de toda a riqueza.

Nesta perspectiva o documentário *Attention: danger travail* (Atenção: perigo trabalho), produzido na França por Pierre Carles, Stéphane Goxe e Christophe Coello em 2003, apimenta novas discussões sobre o papel do trabalho no Ocidente capitalista globalizado, levantando a bandeira do antitrabalho em prol dos “desertores do mercado de trabalho” enquanto arma revolucionária que instiga análises um tanto cara a uma parcela das esquerdas atreladas ao homem-trabalhador e sobre as quais buscamos lançar mais brasas nesta forja de situações.

Mundo Mecânico, Mundo Eletrônico

Partindo da indagação: o trabalho ainda se mantém enquanto fator central de transformação social ou teria com o advento do capitalismo contemporâneo encontrado o fim de sua centralidade?, é que me reporto ao vídeo *Futuro Sombrio*⁵, o qual logo de início afirmava: “a era industrial acabou com o trabalho escravo, e a era da tecnologia dará fim ao emprego, você só vai compreender que a máquina tirou o seu emprego, quando tiver sido demitido, pois você não é insubstituível”. Sombrio futuro inaugurado nos anos 80, mediante um novo circuito de técnicas atreladas à automação, a robótica e a microeletrônica que invadiriam o universo fabril, lhe dando um novo perfil no condizente ao desenvolvimento das relações de trabalho e do modo de produção de capital, assim como das lutas que circundam o mundo do trabalho.

5 Este vídeo é uma sátira ao vídeo de auto-ajuda norte-americano (com versão brasileira) *Conselhos*. Cópia do *Futuro Sombrio* encontra-se no Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=rUCL_C-n4Hs

Não precisamos de muito esforço para ver o que este admirável “novo” mundo nos oferece: quem não se lembra do robô Wakamaru, - criado pela empresa japonesa Mitsubishi Heavy Industries – desenvolvido para atuar como recepcionista em escritórios, hospitais e eventos de lazer, cumprimentando e acompanhando as pessoas até as salas.

E é neste ambiente de desqualificação enquanto natureza capitalista, entre possuidores e não-possuidores; consumidores e consumidos; engendrador do sub-proletariado, que em Berlim surge, o grupo “Desempregados Felizes”, que através de um manifesto de nome análogo, desenvolvem uma crítica mordaz e bem humorada ao trabalho e aos alicerces que o fundamentam.

«Todos sabemos que já não se pode abolir o desemprego. Se a empresa funciona mal, despedem-se os trabalhadores. Se vai bem, investe-se na automação e despede-se da mesma forma. Antes, era preciso mão-de-obra, porque havia trabalho. Agora necessita-se, desesperadamente, de trabalho porque sobra mão-de-obra e ninguém sabe o que fazer com ela, já que as máquinas trabalham mais depressa, melhor e mais barato.

A automação sempre foi um sonho da humanidade. Há 2.300 anos, o Desempregado Feliz, Aristóteles, já dizia: “se cada ferramenta pudesse cumprir, por si só, a sua função; se, por exemplo, a agulha do tear pudesse trabalhar sozinha, o mestre não necessitaria de nenhum ajudante e o amo de nenhum escravo.”

Hoje, já se realizou este sonho, mas em forma de pesadelo para todos, porque as relações sociais não mudaram tão depressa como a tecnologia. (LETRA LIVRE, nº 33, 2002, p. 23/24).»

Mas a era dos extremos tem se tornado cada vez mais sólida diante de uma realidade “de 3 bilhões de reféns (pessoas) que (sub)vivem como dois dólares diários” (MCLAREN; FARAHMADPUR, 2002, p. 20), reflexos da agônica colisão entre trabalho e capital. E indo além, tem-se:

«O desenvolvimento da tecnologia não está servindo para multiplicar o tempo de ócio e os espaços de liberdade, mas está multiplicando a falta de emprego e semeando o medo. É universal o pânico ante a possibilidade de receber a carta que lamenta comunicar-lhe que estamos obrigados a prescindir de seus serviços em razão da nova política de gastos, ou devido à inadiável reestruturação da empresa, ou apenas porque sim, já que nenhum eufemismo abranda o fuzilamento. Qualquer um pode cair, a qualquer hora e em qualquer lugar. Qualquer um pode se transformar, de um dia para outro, num velho de quarenta anos. (GALEANO, 1999, p. 170)»

E nesta esteira de dilemas novos processos de trabalho emergem, substituindo o antigo padrão fordista/taylorista por técnicas de produção mais flexíveis, seguindo uma nova adequação da produção à lógica do mercado. Desta forma:

«Ensaia-se modalidades de desconcentração industrial, buscam-se novos padrões de gestão da força de trabalho, dos quais os Círculos de Controle de Qualidade (CCQs), a “gestão participativa”, a busca da “qualidade total” são expressões visíveis não só no mundo japonês, mas em vários países de capitalismo avançado e do Terceiro Mundo industrializado. O toyotismo penetra, mescla-se ou mesmo substitui o padrão fordista dominante, em várias partes do capitalismo globalizado. Vivem-se formas transitórias de produção, cujos desdobramentos são também agudos, no que diz respeito aos direitos do trabalho. Estes são desregulamentados, são flexibilizados, de modo a dotar o capital do instrumental necessário para adequar-se a sua nova fase. (ANTUNES, 2000, p. 24).»

E entre o perigo que ronda os direitos trabalhistas e das políticas repressivas que agem em sintonia com a lógica neoliberal, enfraquecendo o Welfare State da social-democracia, a chave mestra de tais imperativos tem se dado com o forte desenvolvimento e a implantação nas relações de trabalho ocidentais, do toyotismo⁶ enquanto decisiva aquisição do capital contra o trabalho.

Como advento do toyotismo pode-se destacar: trabalhadores multifuncionais⁷, aumento de produção⁸ com um número reduzido de trabalhadores⁹, o método kanban¹⁰, incluindo a expansão deste método para as empresas subcontratadas e fornecedoras.

Sendo assim, um fantasma ronda o “novo” mundo: o fantasma da inquietação diante de modelos travestidos de social-democracia, que se direcionam pelo ideário neoliberal e pelo desfalecimento das lutas no que diz respeito à emancipação do gênero humano, diante de uma aceitação acrítica de grande porte da ordem do capital e do mercado consumidor, em que:

«O consumidor massificado e passivo que a produção capitalista, para poder subordinar-se ao consumo, exige; ela não o cria completamente, como se afirma freqüentemente, através da publicidade, da moda e das “relações humanas”; pelo contrário, já o gerou no estágio das relações de produção e das relações de trabalho, desligando o produtor de seu produto, voltando esse trabalho contra ele como uma certa quantidade predeterminada e alheia de tempo e de esforço que aguarda o trabalhador em função e exige sua passividade ativa. (GORZ, 1968, p. 79).»

Situação a qual pode ser traduzida pela seguinte máxima: “diz-me quanto consumes, dir-te-ei quanto vales” (GALEANO, 1999, p. 258).

6 O Toyotismo é também denominado de Ohnismo, termo que tem suas origens no nome Ohno, engenheiro que projetou o modelo Toyota.

7 Um operário opera em várias máquinas, em média cinco máquinas.

8 Mediante a intensidade produtiva é corrente a morte súbita (Karoshi) de trabalhadores, segundo Eduardo Galeano o número chega a dez mil pessoas por ano.

9 Diante de um quadro mínimo de trabalhadores, a ampliação produtiva utiliza-se em grande escala do sistema de horas extras, trabalhadores temporários ou subcontratados.

10 O Kanban teve sua origem nas técnicas de gestão dos supermercados dos EUA.

Metamorfoses no mundo do trabalho ou crise da sociedade do trabalho?

“Um cadáver domina a sociedade – o cadáver do trabalho”, partindo desta premissa o Grupo neomarxista Krisis elaborava seu Manifesto Contra o Trabalho, um libelo de escrita provocativa que mesmo partindo do contexto alemão esboça uma crítica social para além das fronteiras germânicas, polemizando de forma mordaz com o pensamento ocidental e suas emasculações acerca do papel do trabalho na nossa sociedade.

«É um absurdo: a sociedade nunca foi tanto a sociedade-trabalho como nesta época em que o trabalho se faz supérfluo. Exatamente na sua fase terminal, o trabalho revela claramente seu poder totalitário, que não tolera outro deus ao seu lado. Até nos poros do cotidiano e nos íntimos da psique, o trabalho determina o pensar e o agir. Não se poupa nenhum esforço para prorrogar artificialmente a vida do deus-trabalho. (GRUPO KRISIS, 2003, p. 16).»

Inquietações similares seriam lançadas no semblante do século XIX via o panfleto O Direito à Preguiça¹¹ de Paul Lafargue, que apontava preocupações que romperiam décadas e séculos. E para tanto se tem:

«Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas, os moralistas sacrossantificaram o trabalho. (LAFARGUE, 1977, p. 15)»

11 Publicado originalmente em Paris no semanário L'Égalité em 1880.

Percepção lafargueriana que em tom de ironia instigava:

«Trabalhem, trabalhem, proletários, para aumentar a fortuna social e as vossas misérias individuais, trabalhem, trabalhem, para que, tornando-vos mais pobres, tenham mais razão para trabalhar e para serem miseráveis. Eis a lei inexorável da produção capitalista. (LAFARGUE, 1977, p. 26).»

Escritos estes, que mesmo forjados no calor da hora de um outro contexto – o do capitalismo industrial expansionista, enquanto segundo estágio da Revolução Industrial – apresenta-se como um importante elemento de análise acerca das relações dos homens com o trabalho, frente continuidades inerentes ao universo contemporâneo e imbricações, tais como, trabalhar para viver ou viver para trabalhar.

Todavia na senda do presente, o manifesto do Grupo Krisis com onze ataques contra o trabalho se opõe a visão daqueles que o concebem como lei natural, pois para o grupo alemão, o trabalho remete a um destino social infeliz, sustentado por aqueles que perderam sua liberdade. E neste sentido o grupo Krisis realça que trabalho não seria o mesmo que atividade, pois enquanto o indivíduo não se reconhece por via de uma (o trabalho), se auto-realiza no desenvolver da outra, ou seja, a atividade.

«O trabalho não é, de modo algum, idêntico ao fato de que os homens transformam a natureza e se relacionam através de suas atividades. Enquanto houver homens, eles construirão casas, produzirão vestimentas, alimentos, tanto quanto outras coisas, criarão filhos, escreverão livros, discutirão, cultivarão hortas, farão música etc. Isso é banal e se entende por si mesmo. O que não é óbvio é que a atividade humana em si, o puro “dispêndio de força de trabalho”, sem levar em consideração qualquer conteúdo e independentemente das necessidades e da vontade dos envolvidos, torne-se um princípio abstrato que domina as relações sociais. (GRUPO KRISIS, 2003, p. 33).»

Percepções estas, defendidas também pelo advogado e anarquista estadunidense Robert Charles Black Jr. (mais conhecido por Bob Black) que através de um texto – embebido de Paul Lafargue e Charles Fourier – intitulado A abolição do trabalho, afirma:

«O trabalho é a fonte de quase todos os sofrimentos no mundo. Praticamente qualquer mal que se possa mencionar vem do trabalho ou de se viver num mundo projetado para o trabalho. Para parar de sofrer, precisamos parar de trabalhar. Isso não significa que precisamos parar de fazer coisas. Significa criar um novo estilo de vida [...]. (BLACK, 2006, p. 19).»

Vida baseada num novo estilo que para Bob Black, teria sua espinha dorsal na criatividade de atividades lúdicas, ou como ele prefere chamar, na “brincadeira”. Esta revolução lúdica que em nome do Homo Ludens ataca tanto o trabalho na sua forma quantitativa e qualitativa, já que para o autor a grande maioria do trabalho desenvolvido na nossa sociedade é inútil e que para tanto, “[...] precisamos pegar o trabalho que permanece útil e transforma-lo em uma agradável variedade de passatempos lúdicos e artesanais, indistinguíveis de outros passatempos prazerosos exceto pelo fato de que resultam em produtos finais úteis”. (BLACK, 2006, p. 39). Ainda para Black a tecnologia tem o papel não somente de automatizar o trabalho fazendo com que desapareça, mas o poder de abrir novos campos de recriação ao Homo Ludens.

E nesta “esteira de produção” investigativa referente ao mundo do trabalho, Robert Kurz, membro do Grupo Krisis, em O Colapso da modernização delinea os caminhos mundiais pavimentados pela política do neoliberalismo sedimentado por um sistema regido pela lei da troca de mercadorias enquanto bem social maior. E sobre tais diretrizes reitera Ivan Illich (1979, p. 23): “a busca insistente de criar um âmbito de liberdade se eclipsou ante o direito de consumir”.

Robert Kurz ao partir da análise dos elementos da derrocada do socialismo do Leste europeu traça por sua vez os ingredientes de uma crise sistemática que não teve seus primeiros sintomas no Leste como muitos queriam fazer crer, mas sim no Terceiro Mundo, lançando desta forma o fio condutor de crítica da sociedade burguesa e principalmente do sistema capitalista. Sendo assim, “o capitalismo entrou num fosso sem saídas, onde produz menos valor e mais-valia”. (SOTELO, 2006, p. 37). E para tanto:

«A maioria da população mundial já consiste hoje, portanto, em sujeitos-dinheiro sem dinheiro, em pessoas que não se encaixam em nenhuma forma de organização social, nem na pré-capitalista nem na capitalista, e muito menos na pós-capitalista, sendo forçadas a viver num leprosário social que já compreende a maior parte do planeta. Não fala a favor da compreensibilidade do mundo que ele fique observando esse espetáculo há mais de duas décadas e continue praticando impassivelmente e sem crítica precisamente aqueles negócios cujo andamento apenas acelera cada vez mais o desastre, que por fim não poupará ninguém. (KURZ, 1992, p. 195).»

Tomando rumos similares aos do sociólogo alemão Robert Kurz, o filósofo austríaco André Gorz, em *Adeus ao Proletariado*: para além do socialismo, defende a abolição do trabalho e do assalariamento, afirmando: “o trabalho não é a liberdade porque, para o assalariado como para o patrão, o trabalho é apenas um meio de ganhar dinheiro e não uma atividade com fim em si mesma”. (GORZ, 1982, p. 10). E prosseguindo o filósofo acrescenta:

«A razão mais imediatamente perceptível é que a abolição do trabalho é um processo em curso e que parece chamado a ir se acelerando. Institutos independentes de previsão econômica estimaram para cada um dos três países industriais da Europa Ocidental que a automatização suprimirá, no espaço de dez anos, quatro ou cinco milhões de empregos, a menos que se realize uma profunda revisão da duração do trabalho, dos fins da atividade e de sua natureza. (GORZ, 1982, p. 11).»

Mesmo tendo se passado os proféticos 10 anos após tal afirmação de André Gorz, e o trabalho não tendo sido abolido, suas colocações continuam um tanto quanto pertinentes aos debates que circundam, as remodelações nos meios e fins que sustentam a sociedade do trabalho. Questões que seriam remetidas a público via uma segunda obra de Gorz, intitulada *Sair da sociedade do trabalho*.

Mas se por um lado há intelectuais que se lançam como arautos da crise da sociedade do trabalho, mesmo sem apresentarem os caminhos para tal superação, possivelmente pelo fato de tais caminhos ou soluções serem frutos de criações coletivas e não de divagações individuais, tem-se do outro lado desta fronteira, vozes que ainda decretam a centralidade do mundo do trabalho enquanto instrumental de combate às relações capitalistas.

Para o sociólogo Ricardo Antunes, em sua obra *Adeus ao trabalho?* Em que se coloca como um dos grandes defensores do trabalho enquanto força motriz de transformação social, ele ataca seus opositores afirmando, que nunca houve a eliminação do trabalho frente à modernização instaurada ao processo de produção, mas sim um processo de intelectualização de uma parcela da classe trabalhadora. Classe esta, transformada em supervisora do processo fabril robotizado.

E neste sentido Antunes lança a seguinte interrogação: de que crise da sociedade do trabalho se está falando, trata-se do trabalho abstrato ou concreto? E para tanto escreve:

«Sabe-se que, no universo da sociabilidade produtora de mercadorias, cuja finalidade básica é a criação de valores de troca, o valor de uso das coisas é minimizado, reduzido e submetido ao seu valor de troca. Mantém-se somente enquanto condição necessária para a integração do processo de valorização do capital, do sistema produtor de mercadorias. Do que resulta que a dimensão concreta do trabalho é também inteiramente subordinada à sua dimensão abstrata. Portanto, quando se fala da crise da sociedade do trabalho, é absolutamente necessário

qualificar de que dimensão se está tratando: se é uma crise da sociedade do trabalho abstrato (como sugere Robert Kurz) ou se trata da crise do trabalho também em sua dimensão concreta, enquanto elemento estruturante do intercâmbio social entre os homens e a natureza (como sugerem Offe; Gorz; Habermas, e tantos outros). (ANTUNES, 2000, p. 22).»

Visualizar o fim da sociedade do trabalho abstrato para Antunes tem sua viabilidade, agora conceber o fim do trabalho como atividade útil, vital e como elemento fundante da atividade humana é um tanto quimérico e inconcebível. Pois para o autor é a categoria trabalho em sua inter-relação homem (sociedade) e natureza que o distingue de um ser meramente biológico, tornando-o social.

O autor afirma ainda que o ponto de partida para uma nova sociedade encontra-se na esfera do trabalho concreto. Outrossim, que “a chamada revolução tecnológica tem um evidente significado emancipador, desde que não seja regida pela lógica destrutiva do sistema produtor de mercadorias, mas sim pela sociedade do tempo disponível e da produção de bens socialmente úteis e necessários”. (ANTUNES, 2000, p. 93).

Amparado pela esperança revolucionária depositada sob a classe-que-vive-do-trabalho, Antunes defende: “embora heterogeneizado, complexificado e fragmentado as possibilidades de uma efetiva emancipação humana ainda podem encontrar concretude e viabilidade social a partir das revoltas e rebeliões que se originam centralmente no mundo do trabalho”. (ANTUNES, 2000, p. 94).

E ao eco de “proletários do mundo libertai-vos!” o autor ainda acrescenta: “em síntese, a luta da classe-que-vive-do-trabalho é central quando se trata de transformações que caminham em sentido contrário à lógica da acumulação de capital e do sistema produtor de mercadorias”. (ANTUNES, 2000, p. 94).

Quanto vale ou é por quilo?

Mediante a intensificação do processo de internacionalização das economias capitalistas, a partir da década de 1980, tem se produzido um novo paradigma de emprego, marcadamente flexível, precário e desprovido de garantias. Assim como o processo de produção, que se torna cada vez mais disperso englobando vários países na constituição de um único produto. E calcado em tais imperativos tem-se: “o preço de uma camiseta com a imagem da princesa Pocahontas, vendida pela Disney, equivale ao salário de toda uma semana do operário que costurou tal camiseta no Haiti, num ritmo de 375 camisetas por hora”, (GALEANO, 1999, p. 179/180) seguindo a mesma perspectiva “A cadeia McDonald’s dá brinquedos de presente aos seus clientes infantis. Esses brinquedos são fabricados no Vietnã, onde as operárias trabalham dez horas seguidas, em galpões hermeticamente fechados, em troca de oitenta centavos”; (GALEANO, 1999, p. 180) ou ainda:

«Como pode a Nike Corporation, com seu exército de 500 mil trabalhadores/as, ter sido capaz de chegar um recorde lucrativo de US\$ 6,4 bilhões em 1998? A resposta é clara: mercados de trabalho não-regulados e trabalhadores/as desorganizados nos países do Terceiro Mundo são fonte principal do trabalho barato. Em países pobres, tais como o Haiti, os salários-hora são de 12 centavos, enquanto em Honduras os salários-hora são excepcionalmente grandes em comparação, chegando a apenas 31 centavos. O custo de produzir tênis Nike, que é vendido por quase US\$ 128 nos Estados Unidos, é de 70 a 80 centavos nas fábricas úmidas da Indonésia. (MCLAREN; FARAHMADPUR, 2002, p. 28).»

E diante de uma realidade travestida de pesadelo, nos deparamos cada vez mais de frente a um penhasco que a vários já tragou. Onde na “América Latina, a nova realidade do mundo se traduz num vertical crescimento do chamado setor informal da economia. O setor informal, que traduzido significa trabalho à margem da lei, oferece oitenta e cinco de cada cem novos empregos”. (GALEANO, 1999, p. 182).

Mas os problemas da sociedade capitalista contemporânea vão mais fundo ao projetar a centralidade do consumo enquanto diferenciador da realização pessoal e social, instaurando a possibilidade de consumo como sucesso individual. Percurso este que revela interessantes artimanhas daqueles que buscam fazer parte deste universo de mercadorias expostas aos olhos do dinheiro, pois como observou o jornalista norte-americano Mac Cooper, existem muitos impostores no “paraíso” do consumo:

«Chilenos que fecham os vidros do automóvel para mentir que têm ar condicionado, (...) usam cartão de crédito para comprar batatas ou uma calça em doze prestações. O jornalista também foi testemunha da irritação de empregados dos supermercados Jumbo: há pessoas que enchem o carrinho com os artigos mais caros, passeiam um bom tempo entre as gôndolas, exibindo-se, depois abandonam o carrinho num canto e vão embora sem comprar nem um chiclete. (GALEANO, 1999, p. 258).»

Estar à margem de um mundo de cores, formas e valores, frustração que se traduz no fato de “estar excluído não de necessidades consideradas básicas, mas daquilo que outras pessoas têm”. (DUPAS, 2000, p. 17).

Sindicato Nosso de Cada Dia, Nos Dai Hoje mais Trabalho

Frente aos interesses defensivos dos direitos da classe trabalhadora, direito ao trabalho e ao emprego, incorporada pelos sindicatos, assim, se afastando de uma outrora identidade combativa e anticapitalista, é que se fala numa crise do sindicalismo no que se refere a sua identidade de um passado de lutas.

Tomando como referencial o Primeiro Congresso Operário no Brasil, realizado em 1906 no Rio de Janeiro e que ocasionaria na criação da Confederação Operária Brasileira (COB) visando a união e a defesa dos trabalhadores, assim como, no surgimento do jornal *A Voz do Trabalhador* enquanto portavoz do movimento. Tem-se entre os vários tópicos de discussões acordados durante o Congresso, um sob o qual nos teremos, o qual pontua:

«No meio da organização sindical poderão admitir-se funcionários remunerados? No caso afirmativo, sob que condições? Considerando que a remuneração dos cargos nos sindicatos é suscetível de produzir rivalidades e intrigas, ambições nocivas à organização e interesses contrários à sua ação e liberdade de movimento; que essa remuneração pode chamar às funções administrativas, indivíduos unicamente desejosos de se emancipar individualmente, trabalhando com o exclusivo fim de receber o ordenado, e não com o amor que provém de um forte espírito de iniciativa e duma larga compreensão dos interesses solidários do operariado, e da necessidade da luta; o 1º Congresso Operário aconselha vivamente às organizações operárias a repelirem as remunerações dos cargos, salvo nos casos em que a grande acumulação de serviços exija peremptoriamente que um operário se consagre inteiramente a ele não devendo, porém, receber ordenado superior ao salário normal da profissão a que pertence. (...). (RODRIGUES, 1969, p. 124-125).»

Mas passadas algumas décadas, o que vemos? Sindicatos convertidos em “cabides de empregos”, alimentando vaidades econômicas individuais, levantando bandeiras que falam mais em nome de partidos políticos (embalados pelo frenesi dos show-mícios) do que por interesses em comuns de grupos a mercê da sua própria sorte que sustentam este processo com seu “dízimo-sindical”.

E nesta senda, em substituição ao sindicalismo de classe se desenvolveu o que se denominou de sindicalismo de participação, ou seja, “Participar de tudo..., desde que não se questione o mercado, a legitimidade do lucro, o que e para quem se produz, a lógica da produtividade, a sacra propriedade privada, enfim, os elementos básicos do complexo movente do capital”. (ANTUNES, 2000, p. 150). Sendo as perspectivas de emancipação humana, trocadas pelos “valores da acomodação social-democrática”.

Dilemas que tornam o futuro do sindicalismo algo suscetível de exaustão, pois quando analisamos as relações de trabalho produzidas pela nova ordem mundial, temos a “coexistência em uma mesma fábrica de trabalhadores da empresa central e das terceirizadas, frequentemente com salários e condições de trabalho diferentes, quebrando – por exemplo – a isonomia de sua situação de classe do período anterior”. (DUPAS, 2000, p. 54).

Desta forma, diante da diversificação de diferentes visões emanadas pelos trabalhadores, em especial entre setores formais e os informais, a ação sindical encontra fortes barreiras para levantar bandeiras classistas, assim como, enfraquecido em seu poder de barganha em prol de uma categoria, de aspirações tão dicotômicas. Imperativos que lançam fagulhas incendiárias, “estariam os sindicatos, como certos espécimes animais, condenados a desaparecer pela destruição do seu habitat?”. (DUPAS, 2000, p. 57). E entre o reboiço de metamorfoses que constituem o capitalismo contemporâneo, alguns economistas ruborizam, a sorte esta lançada, “o sindicalismo só não desaparecerá se, por evolução natural, souber transformar-se num novo ente adaptado ao trabalho flexível e à exclusão social”. (DUPAS, 2000, p. 58). Mas indo mais longe, afirmaria que se faz mais do que necessário pensar em outras formas de ação e combate às relações capitalistas, em prol da emancipação humana.

Diante do emanar de novos caminhos, a organização em rede surge como uma eficaz alternativa autônoma de associação, “(...) na qual as ‘partes’ (que podem ser indivíduos, organizações ou mesmo outras redes) se unem para perseguir objetivos específicos respeitando apenas princípios gerais acordados. Dessa forma, as redes permitem a convivência e o trabalho comum de grupos e indivíduos bastante diferentes, que não precisam sacrificar suas posições particulares para atuarem em conjunto”. (RYOKI; ORTELLADO, 2004, p. 17).

O sindicato teve seu tempo, por vezes enquanto importante instrumento de luta, cabendo agora a desenvoltura de outras formas de mobilização com uma envergadura que vá além de negociações sindicais, assim como do próprio mundo do trabalho, o limiar de estratégias de afronta ao sistema capitalista e a doutrinas políticas autoritárias.

Antes do adeus!

Estaria o trabalho com os seus dias contados (por mais ad absurdum que tal prerrogativa possa soar a alguns intelectuais) ou simplesmente passando por mutações? Perguntas estas, que não querem calar. Pois “(...) sem trabalho não haveria trabalhadores, e, sem trabalhadores, quem restaria para a esquerda organizar?”. (BLACK, 2006, p. 48). E por entre redemoinhos da modernização que solapam as relações sociais, especialmente, as de natureza trabalhista, têm-se inquietações que não se acomodam em algumas poucas poltronas de veludo, ora postas em Seattle, Genova ou Praga¹². Inconformismos e estranhamentos de valores e sentidos, sobre os quais Nicolau Sevcenko escreve:

«Não há emblema mais revelador sobre o estado atual da democracia mundial do que essa fuga sistemática dos poderosos em relação aos cidadãos, à fiscalização e à crítica. Mas se eles estão na defensiva, recuando para as sombras, é porque o batalhão de voluntários de A Guerrilha Surreal expôs a falácia de

12 Sedes dos encontros da OMC, G8 e FMI/ Banco Mundial.

seus discursos, a má-fé de suas intenções e as conseqüências atroztes de suas políticas para a natureza, os países subdesenvolvidos e as comunidades vulneráveis de todo o mundo. Dezenas de milhares de jovens fantasiados de arlequins, apontando para o núcleo de poder e gritando em uníssono que o rei está nu. Só não vê quem não quer ou quem aposta nos lucros da mentira. (SEVCENKO, 2002, p. 12).»

Época de crises para alguns no que condiz ao mundo do trabalho, assim como da própria sociedade burguesa e capitalista e por que não de alguns dogmas da esquerda, que relevam pouco a pouco a ponta deste iceberg que rivaliza com a rotina das relações de trabalho, com o Terceiro Mundo e com lutas classistas de outrora.

Como bem percebeu o historiador Eric Hobsbawm, “o capitalismo global e o mercado livre sem controles chegaram a um ponto crítico. Estamos ao fim de uma era, mas ainda não enxergamos o novo rumo”.¹³

Desta forma, os horizontes estão postos enquanto limiar de uma batalha que ainda se encontra em andamento, tal qual tem se mostrado o emanar de novas táticas de lutas anticapitalistas em nossa atualidade, frente ao olho do furacão da globalização em que o direito à preguiça é reivindicado e reinventado em prol de vidas mais livre, criativas e sadias, embaladas pelo mantra: “trabalhadores do mundo... relaxem!”. (BLACK, 2006, p. 49). Porém, não se trata de mero “ócio criativo” a italiana¹⁴, mas sim, de um ócio combativo que almeja emancipar-se do trabalho quer em sua versão capitalista ou socialista, opondo-se aos bastidores de um espetáculo que interpreta a evolução de nossa espécie, de forma reducionista, taxando-nos como “um ser cujo cérebro e mãos só servem a um fim – o trabalho”.¹⁵

13 Comentário feito por Hobsbawm numa entrevista ao periódico Clarin em 1998.

14 Referência ao trabalho O Ócio Criativo do sociólogo italiano Domenico de Masi.

15 Palavras do intelectual francês Philippe Godard autor da obra Contre le Travail (Contra o Trabalho).

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?**: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7ª ed. São Paulo: Cortez/Unicamp, 2000.
- ARENDETT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- BAKUNIN, Mikhail. **O Princípio do Estado & Três Conferências feitas aos Operários do Vale de Saint-Imier**. Brasília: Novos Tempos, 1989.
- BLACK, Bob. **Groucho-Marxismo**. São Paulo: Conrad, 2006.
- CHRISPINIANO, José. **A Guerrilha Surreal**. São Paulo: Conrad/Com-Arte, 2002.
- DUPAS, Gilberto. **Economia Global e Exclusão Social**. Pobreza, Emprego, Estado e o Futuro do Capitalismo. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GALEANO, Eduardo. **De Pernas pro Ar**: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- GORZ, André. **Estratégia Operária e Neocapitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- GORZ, André. **Adeus ao Proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- GRUPO KRISIS. **Manifesto Contra o Trabalho**. São Paulo: Conrad, 2003.
- ILLICH, Ivan. **O Direito ao Desemprego Criador**. A Decadência da Idade Profissional. Rio de Janeiro: Alhambra, 1979.
- KURZ, Robert. **O Colapso da Modernização**: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça e Outros Textos**. Lisboa: Estampa/São Paulo: Mandacaru, 1977.
- MCLAREN, Peter & FARAHMANDPUR, Ramin. **Pedagogia Revolucionária na Globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Os Desempregados Felizes: em busca de recursos obscuros. In: Letra Livre (Revista de Cultura Libertária, Arte e Literatura). Ano 6, nº 33, Rio de Janeiro, 2002.
- RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e Sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.
- RYOKI, André & ORTELLADO, Pablo. **Estamos Vencendo! Resistência Global no Brasil**. São Paulo: Conrad, 2004.
- SOTELO, Adrián. **Os Recursos da Globalização**: o mundo do trabalho em tensão. In: Plural. Publicação da Associação dos Professores da Universidade Federal de Santa Catarina. Ano 12, nº 15, Florianópolis, 2006.

Truques dos sem ofício

"Trabalho é o oposto de criação, que é uma brincadeira."

"O mundo só começou a receber algo de valor de mim quando eu parei de ser um sério membro da sociedade e me tornei eu mesmo. O Estado, a nação, as nações unidas do mundo, não foram nada além de uma enorme agregação de indivíduos que repetiram os erros de seus antepassados. Eles estavam presos neste ciclo quando nasceram e assim ficaram até suas mortes — e eles tentaram dignificar essa corrente chamando-a de "vida". Se você pedisse a qualquer um para explicar ou definir vida, qual o significado de tudo, você recebia um olhar vazio como resposta. Vida era algo sobre o qual os filósofos divagavam em livros que ninguém leu. Aqueles que entendiam e aproveitavam a vida não tinham tempo para perguntas tão tolas. "Você tem que comer, não?" Esta pergunta, que deveria apontar uma necessidade, e que já havia sido respondida, se não por uma negativa absoluta pelo menos por uma perturbadora negativa relativa por aqueles que sabiam, eram uma dica a todas as questões que se seguiam em uma verdadeira seqüência Euclidiana. Do pouco que eu havia lido eu tinha observado que os homens que mais estavam na vida, que a moldavam, que eram a vida, comiam pouco, dormiam pouco e pouco ou nada possuíam. Eles não tinham ilusões sobre o dever, ou sobre a perpetuação de seus amigos e família, ou sobre a preservação do Estado. Eles estavam interessados somente na verdade. Ele só reconheciam um tipo de atividade: criação. Ninguém comandava seus serviços porque eles tinham feito votos voluntários de doar tudo. Eles doavam sem esperar nada em troca, porque é a única forma de dar. Essa era a vida que me atraía: ela fazia sentido. Isso era vida — não o simulacro que as pessoas a minha volta idolatram."

Henry Miller — The Revolution of Everyday Life

Jorge: Existem mil razões para não trabalhar: aproveitar mais a vida, evitar a humilhação de colocar um preço no seu tempo, vestir um uniforme ou ter um chefe, não dar o seu esforço ao mercado capitalista. E quando eu digo "não trabalhar", eu não quero dizer não fazer nada, eu quero dizer usar o seu tempo para o que você quer fazer. Eu acho que um dos melhores motivos para não trabalhar é que muitas pessoas não sabem o que fazer senão trabalhar. Você tem que ter a chance de exigir a sua habilidade de comandar a sua própria energia. Eu não seria capaz de fazer tanto trabalho de ativismo, ou viajar tanto, se eu tivesse um emprego normal, com certeza.

Débora: Para mim é também sobre se afastar o máximo possível do sistema de produção e consumo quanto possível. Se eu não tiver dinheiro entrando, eu não vou ter a tentação de gastá-lo em produtos inúteis... o que antes de tudo me faria necessitar de uma renda, presa com apenas uma opção de estilo de vida — você pode ficar tão presa pagando as dívidas das últimas coisas que comprou para lhe alegrar, comprando mais coisas para agüentar a ansiedade resultante e assim por diante — e além disso, é ecologicamente correto também, não encorajá-los a continuar produzindo por-carias em massa quando os aterros já estão cheios de lixo.

Paulo: No meu caso, foi antes de tudo muito difícil, eu admito — realmente horrível nos primeiros anos, depois que decidi nunca mais arranjar outro emprego, porque eu não conhecia ninguém que estivesse fazendo a mesma coisa ou tivesse algum conhecimento para compartilhar comigo. Eu praticamente tive que aprender tudo sozinho, o que é triste agora que eu vejo que muitas outras pessoas estão fazendo coisas parecidas que poderiam ter ajudado a eu me ajustar. Todos meus amigos da faculdade não conseguiam entender o conceito — eles tinham todos conseguido empregos, ou estavam ganhando dinheiro de seus pais, e eles reclamavam como todo mundo faz sobre dinheiro enquanto bebiam em um bar que cobrava entrada ou em algum outro lugar que eu não podia pagar; finalmente nós paramos de nos encontrar, simplesmente porque eu não tinha dinheiro. Teve um período angustiante no qual eu fiquei muito tempo sozinho, vagando sem rumo, procurando desesperadamente pelas necessidades da existência. Mas eu usei o novo

tempo que eu tinha me envolvendo em projetos que me puseram em contato com novos círculos de amigos, pessoas que entendiam bem melhor o que eu estava fazendo e por que. Eles me ajudaram bastante, e a vida está muito melhor agora. Todo dia eu acordo saudável e vivo, toda vez que eu coloco comida na minha boca sem me vender é outra pequena vitória, outra pequena prova de que a resistência realmente é possível.

Roberto: Para mim é bem diferente do Paulo, pois eu cresci realmente pobre, eu nunca tive nada em primeiro lugar, inclusive opções de emprego. Para mim não trabalhar é uma extensão do que eu aprendi ao crescer vendo meu pai desempregado, e então tendo que fugir e viver nas ruas... mas fazer isso por vontade própria significa que eu posso tornar isso uma coisa positiva e não me sentir desesperado à mercê da economia. Eu poderia sentar e me sentir miserável, esperando por uma chance de trabalhar de vez em quando para alguma porcaria de lanchonete, ou eu posso fazer isso. De verdade, uma vez que não possuo nada, pelo menos eu posso viver minha vida plenamente, fazer as coisas criativas que tenho vontade.

Marcos: Antigamente eu trabalhava em turno integral, trabalho de construção, e então eu comecei a diminuir as horas para que eu pudesse ter mais tempo para fazer minha arte... quando perdi meu emprego eu comecei a fazer apenas pequenos serviços, montar exposições em galerias para artistas comerciais, em serviços de comida, talvez um trabalho temporário de duas ou três semanas para pagar alguns meses de liberdade. Eu aceitava empregos porque eu queria aprender algo que eles podiam me ensinar, como soldar — do mesmo jeito que a Sarah consegue um emprego num xerox por uma semana toda vez que ela termina uma nova edição do seu zine, apenas para roubar as cópias. Eu encontrei uma casa muito barata aqui no campo e plantei um jardim. Neste ponto eu tenho que trabalhar apenas algumas semanas por ano.

Débora: Se você quer fazer isso, é apenas uma questão de pular do penhasco: largue seu emprego e não olhe para trás, você vai aterrisar em algum lugar. Eu não conheço ninguém que não tenha obtido sucesso, uma vez que tenham decidido fazer tudo dar certo, uma vez que eles

acreditassem que eles realmente conseguiriam fazê-lo. Não há muito nesse mundo que possa matá-lo de verdade. Toda área cinza que parece morte e desastre da ponto de vista seguro da burguesia é muito mais fácil de lidar quando você se aproxima.

Jorge: Se você não está pronto para pegar o rumo do desemprego, como o Paulo ou a Débora, existem muitas outras opções. Eu descobri o malabarismo cedo, e então me dei conta de que se eu me apresentasse corretamente aos cães de corrida da América corporativa, eles me pagariam quinhentos dólares ou mais por apresentações únicas. Eu fiz cartões de visita estilosos, consegui um agente, e eu me apresento talvez vinte noites por ano em seus encontros e convenções. É como assalto na auto-estrada, basicamente, porque isso financia o resto da minha vida, que eu uso para minar todo o trabalho deles. E existem outras oportunidades, menos raras — se eu não estivesse fazendo isso, eu poderia conseguir um trabalho pago em um dos grupos ativistas nos quais faço trabalho voluntário. Minha amiga Ana é gerente de uma livraria radical sem fins lucrativos, e o salário é suficiente para ela ajudar alguns de seus amigos menos afortunados. Isso é uma parte importante de todo essa empreitada livre de trabalho, ser capaz de reconhecer quando você tem mais recursos que outras pessoas e estar disposto a compartilhar. Não estou dizendo que você tem que tomar conta de todo mundo, mas reconhecer que algumas pessoas podem ter algo além de dinheiro para oferecer e não ter medo de compartilhar com elas o que você tem... como um dos caras que fica com ela um monte e faz todo o trabalho de dobrar, grampear e outros serviços voluntários para o boletim deles, porque ele tem tempo e ninguém mais tem. Quando todos estão comprometidos a dar tudo uns para os outros, é maravilhoso parar de medir, parar de se preocupar sobre comércio justo e trocas iguais e apenas dar e compartilhar com as pessoas.

Roberto: Por alguns anos eu fiquei apenas pegando caronas, esmolando trocados, e ficando com os moradores de rua... Eu tive que lutar muito com a depressão. Mas fiz outras coisas também, eu sempre mantive a mente aguçada de uma forma ou de outra. Como quando eu estava dormindo nas bibliotecas, eu me ensinei a usar os computadores de forma

que eu possa construir páginas de internet e essas coisas para os meus amigos e para as coisas que fazemos... de qualquer forma, eu dei muita sorte ano passado quando eu conheci a Liziê totalmente por acidente na Rua Mariante. Ela é uma escritora profissional, muito bacana apesar de ela ser completamente classe média — na verdade eu já conhecia as suas filhas. Ela estava sobrecarregada de coisas para escrever — ela deveria fazer um monte de coisa chata para as revistas de bordo dos aviões — então quando ela descobriu que eu podia escrever, ela me deu algumas das matérias para escrever e me dava uma parte do dinheiro. Agora eu sou o único aqui com uma renda decente, mesmo entre os meus amigos que vieram da classe média! É bizarro. Eu acho que o mundo sempre irá nos surpreender, se você ficar nele tempo suficiente.

Paulo: Eu passo muito tempo na biblioteca do campus da faculdade daqui — bibliotecas são maravilhosas, é dessa forma que todas as propriedades deveriam funcionar de qualquer forma, e nesta aqui eu consigo livros de graça, exibições de filmes, vídeos (ele tem até mesmo videocassetes e televisões para nós usarmos), acesso à internet, salas tranquilas para dormir, banheiros... e eu posso gravar todos os discos que eu quiser quando eu invado a estação de rádio da universidade na porta ao lado. Eu apenas tento prestar atenção em todas as coisas que posso coletar facilmente sendo um caçador-coletor urbano — papel higiênico, fósforos, pratos e talheres em restaurantes corporativos, fitas grátis em promoções de lojas de discos — tem tanta coisa que vai pro lixo nos Estados Unidos, é ridículo. Você pode conseguir quase qualquer coisa numa lata de lixo: comida, móveis, eu me lembro quando o Beto achou um ótimo amplificador de guitarra, que funcionava! Você também pode ajudar pequenas empresas em troca das suas sobras — eu costumava roubar grandes latas de azeitonas da lanchonete de um dormitório particular e trocava por burritos em um pequeno quiosque — e também dá pra roubar, ou conseguir coisas de graça com empregados insatisfeitos, o que é muito fácil com tanta gente infeliz nos seus empregos... você não deveria nunca pagar por fotocópias, ou pãezinhos, por exemplo. Uma vez eu troquei alguns discos com um amigo por uma boa bicicleta que havia sido abandonada na oficina de bicicletas em que

ele trabalha! E também há os golpes — uma vez que você conheça outras pessoas com o mesmo estilo de vida, uma nova pessoa aparecerá mais ou menos a cada mês: telefonemas e selos de graça, ou vales transporte de algum tipo de truque. Eu ouvi falar de uns ótimos, como no em Roube esse Livro, de Abbie Hoffman, onde ele descobre quais moedas estrangeiras podem substituir perfeitamente as moedas de 25 centavos nas máquinas e encontra uma moeda desvalorizada do terceiro mundo onde ele pode trocar cinco centavos por algo como cem moedas que funcionam como 25 centavos cada! Aprender a se adaptar a viver com poucas roupas e utensílios é importante, mas isso pode ser uma experiência enriquecedora também, não precisa ser humilhante como parece à distância para um garoto de classe média normal. Sim! Você pode economizar muito dinheiro e fazer coisas bem mais interessantes se você não fumar, beber ou usar drogas.

Marcos: Eu dei sorte, eu apenas fazia as coisas que gostava de fazer e a minha atual fonte de renda simplesmente caiu no meu colo. Eu era fissurado por histórias em quadrinhos velhas e raras e coisas do tipo, algo que nenhum dos meus amigos entendia, e eu descobri que eu podia fazer muito dinheiro pirateando. Não é algo errado de se fazer — as pessoas que querem essas coisas têm dinheiro e elas não conseguiriam isso de outra forma, certo? E é muito mais seguro do que as coisas que meus amigos criminosos de carreira fazem, como roubar carros. Eu vivo confortavelmente — de verdade, sem pessoas como eu para ajudá-los, alguns dos meus amigos anti-trabalho mais radicais passariam por muito mais dificuldades. Eu entendo que não é tão revolucionário ser um criminoso — ou um artista, por sinal, como outras pessoas que você está entrevistando — mas sério, tudo é corrupção neste mundo, até que consigamos inverter tudo. É só uma questão de qual você pensa que será o sacrifício mais eficiente. E ao fazer isto, eu acabo tendo muito tempo e até mesmo dinheiro de sobra para me dedicar a coisas melhores. Outra coisa que eu queria dizer: esse estilo de vida realmente mudou minhas relações com outros homens. Quando você está trabalhando, e tem toda aquela tensão e competitividade e ódio, é tão fácil ser hostil e elitista. Mas agora eu tento ser legal com as

peessoas automaticamente, para descobrir o que podemos oferecer uns aos outros, e é mais fácil de eu me dar bem com as pessoas porque não me sinto ameaçado por eles... exceto os porcos, é claro.

Débora: Se você vive em lugar onde ocupar prédios abandonados é uma opção, como Nova Iorque ou Europa, essa é obviamente a melhor forma de se conseguir um lugar pra morar. Assim você não paga aluguel, você está usando espaço que de outra forma seria desperdiçado — é como tirar uma casa do lixo! — e você está colocando energia em construir um espaço que é aberto a todos, não outra prisão-santuário suburbana. Além disso... minha amiga Mo viveu em seu caminhão por alguns anos, e em algum momento a Sarah esteve dormindo lá durante o dia também, quando ela trabalhava o turno noturno na loja de cópias. Pode ser difícil manter seus pertences, mas é um lembrete para não termos muito e sempre compartilharmos e emprestá-los. A chave para tudo é a inovação... se você por exemplo não tem mais onde ficar, organize um acampamento-protesto em um campus universitário ou outro lugar, e apenas fique lá — mas lembre-se de dizer à imprensa o quanto você sente falta do seu lar, dos seus bichinhos e da TV!

Paulo: O princípio para não trabalhar é que você está abandonando a economia do cada-um-por-si, então você tem que aprender a trabalhar com os outros. Encontre um grupo de pessoas e descubra com o que cada um pode contribuir — não precisa ser nada material, mas vocês têm que jurar cuidar uns dos outros. Isto se aplica acima de tudo ao local onde você vive. Quando eu estava sozinho, no começo, eu aluguei os quartos mais horríveis, e eram mais caros do que eu podia pagar, então eu comecei a morar em depósitos, dormir em bibliotecas, ou em lugares piores. Eu passei alguns anos da minha vida apenas viajando pelo mundo da casa de um amigo para outra para não ter que pagar aluguel, e isso é legal, mas você ainda depende de outras pessoas para pagar. O melhor é formar um grupo de pessoas e formar um espaço comunitário, projetado para ter utilidades práticas — não apenas para descansar do trabalho e da escola, como a maioria dos lares — um armazém, ou uma casa grande e velha com um porão grande e um proprietário ausente. Você pode utilizar o espaço para

coisas ótimas, viver de forma muito barata, aprender a compartilhar... e você pode pagar todo ou parte do aluguel com projetos como shows, di-nheiro de bandas que ensaiam ou moram lá, coisas desse tipo. É como es-tar numa banda e ter um furgão para compartilhar ao invés de todos terem carros particulares. E morando junto você não apenas divide o peso da luta para sobreviver, mas você também aprende como se dar bem e fazer as coisas coletivamente, que é o mais importante de tudo.

Elisa: Eu não sei o que as outras pessoas arranjam como moradia, exis-tem provavelmente milhões de opções... o que eu fiz foi se apropriar de um abrigo abandonado atrás de uma casa onde eu e uns garotos que eu conhecia moravam; ele só tinha uma parede, e restos de materiais de ou-tras obras eu reconstruí tudo e fiz uma casinha muito legal com fogão a lenha e tudo. Eu até puxei uma extensão telefônica da casa deles, fiz um jardim e o meu próprio adubo com o meu cocô. Eu havia começado o ano sem nenhuma idéia de como fazer todas essas coisas, exceto o que eu tinha aprendido trabalhando por pouco tempo em uma fazenda orgâ-nica — foi incrível descobrir que eu conseguia fazer tudo sozinha.

Joana: O mais difícil, é claro, é conseguir cuidados médicos, mas fora de lugares como o Canadá e os países do norte da Europa que ainda tem um bom sistema público de saúde, esse também é um problema para boa parte da população que trabalha todo o tempo. Mas normalmente você consegue dar um jeito. Eu tenho um amigo, só deus sabe quantas vezes ele ficou doente, machucado ou infectado em turnê, e ele acaba sempre encontrando alguém que possa cuidar dele — a mãe de um amigo é médica, ou alguém está estudando enfermagem, e tem também essa ami-ga deles, a Sabrina, que vai com eles, está por dentro de todo tipo de mandinga e antigas tradições de cura, ela é muito legal. Teve o Douglas, ouvi dizer que ele fingiu um acidente no emprego para enganá-los a pa-gar uma cirurgia que ele precisava quando ele tinha uma hérnia de disco — acho que ele arranjou o emprego só para conseguir isso, isso foi mui-to foda. E o Estevão apenas deixa de pagar as suas contas do hospital, como eu já fiz, e como o Pezão fez quando ele quebrou o maxilar. Ele

voltou lá com a perna quebrada, e de novo com aquele abscesso que ele teve, e por alguma outra merda, e conseguiu tratamento todas as vezes. Também ajuda você não ficar sempre no mesmo lugar e não criar dívidas... você também pode dar um nome falso. Roubar vitaminas e cozinhar tudo que você tira das lixeiras também pode ser uma boa forma de medicina preventiva — esse é o melhor conselho que posso dar.

Marcos: As pessoas me perguntam sobre o que eu quero fazer no futuro, sobre ter filhos e tudo isso. Quanto a ter uma boa esposa e um emprego de sucesso, sou um homem crescido e acho difícil de acreditar que eu terei uma crise da meia-idade ao contrário e que eu gostaria de trocar tudo que tenho por isso. Sinceramente, mesmo que eu morra amanhã, eu acho que os dez últimos anos de aventura valerem mais do que cinquenta anos de qualquer outra vida poderiam valer. Eu tive conflitos quando me envolvi romanticamente com pessoas que não estavam prontas para ir tão longe quanto eu, mas você pode resolver esses conflitos, não é impossível — e eu não quero me envolver com ninguém que não aceite o meu modo de vida, isso é ridículo. Quanto a ter filhos, existem muitas razões para não os ter e nesse momento eu não acho que eu jamais vá querer. Mas eu ajudo meus amigos com os seus filhos, dessa forma eu não os excluo da possibilidade de aproveitar este estilo de vida. Duas boas amigas minhas são mães solteiras e eu faço o possível para ser babá, trago-lhes vegetais do nosso jardim, esse tipo de coisa. Elas são ambas fantásticas, ainda são capazes de fazer muito trabalho social — entretanto eu gostaria de mencionar que os serviços sociais neste país está totalmente fodido e não dá nenhum apoio para pessoas como elas, especialmente quando elas usam as suas vidas para fazer coisas boas a outras pessoas. Mas de qualquer forma, vai ser muito interessante ver como essas crianças vão crescer.

Elisa: Eu certamente quero ter filhos um dia. Mas quando falamos em segurança e estabilidade, eu não tenho dúvidas de que dinheiro e segurança e todas essas coisas não podem prover mais segurança a longo prazo do que uma comunidade de pessoas que realmente se importam. Eu acho que ou nós colocamos nossas energias em sobreviver de acordo com

as regras de hoje, ou tentamos criar um mundo que as torne irrelevante. Alguém tem que começar a fazer isso em algum momento. Eu sei que se eu passar a minha vida tentando construir comunidades com outros, com -partilhando o que eu tenho e fazendo as coisas do jeito que acho certo, eu vou ter pessoas que estarão lá quando eu e meus filhos precisarmos deles. Existem clínicas de saúde da mulher e lugares que já dão apoio, eles só precisam de mais pessoas como eu para dedicar nossas vidas a eles.

Paulo: Às vezes as pessoas me perguntam se eu me sinto como um parasita, vivendo dos excessos desta sociedade. Há muito a se dizer sobre isso. Em primeiro lugar, eu sei que não é possível para todo mundo no país fazer isso — muitas pessoas têm família para cuidar, ou querem tentar "trabalhar dentro do sistema", como eles dizem, ou já são pobres — e não há problema nisso. E além disso, uma vida como a minha seria quase impossível em um lugar como o Brasil onde há menos recursos circulando — lá há o MST, que ocupa terras agrícolas, mas não é o mesmo que a minha vida. De qualquer forma, o fato de que nem todos têm o privilégio de poder levar uma vida sem trabalho para si é uma boa razão, na minha opinião, para que aqueles que têm essa oportunidade aproveitá-la. Eu não sou atormentado por nenhuma culpa de classe média sobre as oportunidades que tenho na minha vida, pelo menos enquanto eu usar essa oportunidade para tentar tornar essas oportunidades disponíveis a outras pessoas também. Eu acho que aqueles que têm a chance de sair do sistema, a melhor coisa para ajudar a derrubá-lo, têm a responsabilidade para com os outros de fazerem exatamente isto, mais ainda por que o pobre funcionário de uma fábrica, pai de três, que mora alguns quarteirões abaixo e milhões de pessoas por todo o mundo não têm essa opção. Principalmente porque nesta sociedade já têm tanta coisa indo para o lixo, porque não utilizá-las, em vez de ajudar a criar mais lixo, mais consumo? As pessoas que fazem parte do status quo não se sentem parasitas, destruindo a terra e oprimindo o seu próprio idealismo no processo? Ninguém é auto-suficiente, isso é um mito Americano; a questão não é só você paga tudo que consome e faz — todo mundo que alega fazer tal coisa sempre o fez às custas dos outros — mas se você está usando todas as oportunidades de que dispõe para fazer do mundo um lugar melhor. As pessoas já me

perguntaram o que aconteceria se mais pessoas vivessem como eu vivo, se os recursos não iriam acabar. Antes de tudo, como eu já disse, quanto mais pessoas viverem desta forma, mais fácil será — então eu acredito que se mais pessoas se juntarem a nós fora do sistema do trabalho, só vai ajudar. E em segundo lugar, vamos dizer que isto aconteça e o excesso do qual nós vivemos realmente acabe, isso também seria uma boa coisa. Se há um grande número de pessoas que não estão mais dispostas a trabalhar dentro do mundo da competição e do controle corporativo, que querem mais da vida do que este mundo pode oferecer e juram nunca voltar, e eles não podem mais conseguir os recursos que precisam para sobreviver coletando as sobras do mercado capitalista... bem, eis um grupo revolucionário pronto para agir. Se a resolução e ambição de seus desejos forem contagiosos, para que outros possam juntar-se a eles exigindo os recursos de nossa sociedade de volta, isso se tornaria rapidamente uma situação onde não dá pra voltar atrás.

Jorge: Eu sei que posso fazer isso enquanto quiser. Eu tive sorte em descobrir quantas coisas diferentes são possíveis na vida, coisas que eu nunca conseguiria ver de um ponto de vista padrão, e eu conheci tantas outras pessoas fantásticas que estão fazendo coisas radicais com suas vidas, pessoas que eu sei que me ajudariam e me apontariam novas direções se eu precisasse. Eu acredito em mim o suficiente agora, o suficiente para tentar executar qualquer plano maluco que eu possa ter, sem olhar para trás. E eu sem dúvida recomendaria a qualquer um que ter uma vida plena e com aventuras que faça coisas absurdas como largar o emprego.

Raul(topia): O que falta pra mim são parceiros, vivo só com minhas ideias, já trabalhei autonomamente vivia vendendo DVDs trocando por comida na feira entre outras coisas essa experiência na feira me fez despertar meu vegetarianismo, hoje trabalho em um CD (centro de distribuição), vivo como um rato em uma casa que falta água a cada dois dias, não tenho medo de fugir da máquina que nos esmaga mas sozinho é muito muito difícil, pessoas que quiserem construir algo colaborativamente estou disposto a doar minhas conquistas e criações.

Claudia: Eu acho que a ideia de viver do que você produz faz você entender o dinheiro de uma maneira diferente, que te aproxima mais do que o que o dinheiro pode te proporcionar, em termos daquilo que você produz e de tudo o que você precisa para produzir (desde papel e toner até dias livres, saúde, lazer, etc), do que do próprio dinheiro.

Quer dizer, eu ainda preciso dele, mas ele chega até mim e é utilizado de outra maneira. Não é ter o dinheiro e as coisas que importam mas o que você faz e o que você quer. E o que é grátis!

Tiago: Talvez até você se engane dizendo que ama o que faz, no fundo sabemos que isso é apenas para agradar os familiares e que dentro do peito de cada pessoa existe uma vida de amores e desejos criativos sem padrão, sem obrigações diárias, sem coerção. Algumas pessoas chamam isso de loucura, outras de liberdade, mas também pode ser somente arte.

Se desprender da ideia de que é necessário um emprego para ter existência é o primeiro passo para existir. É o trabalho que rouba tua vida, rouba teu tempo, te impede de pensar, de ter ideias, é a exploração de oito horas diárias que te ofuscam a percepção, a personalidade, o carisma, a empatia e a solidariedade.

Trocar o trabalho por pequenas atividades criativas é a minha opção. Hoje faço as coisas conforme minha boa vontade e que de alguma forma garantem o trocado para morar e viver à margem dessa lógica do emprego. Imprimir livros e zines, vender livros e discos usados, stencil, serigrafia, aulas... Comprar menos, curtir mais.